



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Grazieli Brito da Silva

**DOCÊNCIA ALTERNADA NA CASA FAMILIAR RURAL DE CHAPADINHA –
MARANHÃO: Um tempo-escola! Um tempo-comunidade!**

Santa Cruz do Sul
2021

Grazieli Brito da Silva

**DOCÊNCIA ALTERNADA NA CASA FAMILIAR RURAL DE CHAPADINHA –
MARANHÃO: Um tempo-escola! Um tempo-comunidade!**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio José de Oliveira

Santa Cruz do Sul
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Grazieli Brito da
Docência alternada na Casa Familiar Rural de
Chapadinha-Maranhão : Um tempo-escola! Um tempo-comunidade! /
Grazieli Brito da Silva. – 2021.
56 f. : 11. ; 28 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa
Cruz do Sul, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Cláudio José de Oliveira.

1. Docência. 2. Casa Familiar Rural. 3. Experiência. I.
Oliveira, Cláudio José de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Grazieli Brito da Silva

**DOCÊNCIA ALTERNADA NA CASA FAMILIAR RURAL DE CHAPADINHA –
MARANHÃO: Um tempo-escola! Um tempo-comunidade!**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio José de Oliveira

BANCA EXAMINADORA

Dr. Cláudio José de Oliveira

Professor Orientador - UNISC

Dr. Felipe Gustsack

Professor Examinador - UNISC

Dra. Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante

Professora Examinadora - UEFS

A Deus pelo amor incondicional à minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo seu amor incondicional, por permitir essa caminhada, por me favorecer com oportunidades e por colocar as pessoas certas no meu caminho.

Aos meus filhos Marcus Vinícius, João Gabriel e Maria Sofia por serem a minha inspiração para a vida.

Ao meu esposo João Vinícius pelo companheirismo constante.

Aos meus pais Giaps e Raquel por serem a minha base.

Aos meus familiares pelo incentivo.

À professora Nony Braga, pelo exemplo de mulher ousada e persistente, por acreditar que sempre vai conseguir seus sonhos e por oportunizar essa importante etapa de formação acadêmica não só a mim, mas a todos que acreditam que uma educação de qualidade é possível.

À Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) por proporcionar tantas experiências, pelo seu pioneirismo em transformar a vida de muitas pessoas por meio da educação.

Ao professor Cláudio Oliveira pela orientação, incentivo e compreensão. Apreendi muito não só com sua sapiência, mas também com a sua compreensão, humildade e respeito em todos os meus momentos como estudante, profissional e mãe.

À Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) pelas experiências e aprendizagens.

Aos professores do MINTER UNISC/FAP Cláudio Oliveira, Sandra Regina, Mozart Silva, Moacir Viegas, Felipe Gustsack, Cheron Moretti, Éder Silveira, Nize Pellanda, Betina Hillesheim, Ana Luisa Menezes, Camilo Sousa e as queridas Fátimas que acompanharam a professora Nize e a professora Ana Luísa, pelas inúmeras provocações intelectuais e reconstruções de paradigmas.

Aos meus colegas do Grupo de Estudo pelas inúmeras contribuições: Alexandre, Daiane, Vaneza, Edison, Fabiana e Diovane.

Aos meus colegas do MINTER pelos inúmeros afetos: Enir, Márcio, Auridéia, Fabiana, Rosina, Neudson, Alice, Thiago, Nayolanda, Lana, Diniz e Kátia.

Estar vivo é estar em conflito permanente, produzindo dúvidas, certezas questionáveis. Estar vivo é assumir a Educação do sonho do cotidiano.

Para permanecer vivo, educando a paixão, desejos de vida e morte, é preciso educar o medo e a coragem.

Medo e coragem em ousar.

Medo e coragem em romper com o velho.

Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente.

Medo e coragem em assumir a educação deste drama, cujos personagens são nossos desejos de vida e morte.

Educar a paixão (de vida e morte) é lidar com esses dois ingredientes, cotidianamente, através da nossa capacidade, força vital (que todo ser humano possui, uns mais, outros menos, em outros anestesiada) e desejar, sonhar, imaginar, criar.

Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos, imaginamos e criamos, na busca permanente da alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade, de uma sociedade mais justa, da felicidade a que todos temos direito.

Este é o drama de permanecermos vivos... fazendo Educação.
(FREIRE, M., 2008)

RESUMO

A presente dissertação intitulada “Docência alternada na Casa Familiar Rural de Chapadinha - Maranhão: Um tempo-escola! Um tempo-comunidade!” tem como objetivos: conhecer como se constitui a docência a docência na Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA e compreender como as práticas de formação em alternância constituem uma docência na Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA. A pesquisa foi realizada com a participação de duas professoras dessa Casa Familiar Rural. O estudo utilizou os seguintes aportes teóricos: Arroyo, Caldart e Molina (2011), Freire (1983, 1996, 2003, 2005, 2008), Tardif (1999), Gimonet (200), Bazarra, Casanova e Ugarte, (2006), Campos (2010), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), Secretaria Municipal de Educação de Chapadinha (2008, 2012), entre outros. Nas questões metodológicas, empregou-se a pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Os instrumentos de coleta de dados foram: entrevistas narrativas, fotografias e elaboração de mapas. Os resultados evidenciam como as práticas de formação em alternância constituíram uma docência marcada e situada pelo tempo-escola e tempo-comunidade na Casa Rural Familiar de Chapadinha - MA.

Palavras-chave: Docência. Casa Familiar Rural. Experiência.

ABSTRACT

The present dissertation entitled "Alternate Teaching in the Rural Family House of Chapadinha - Maranhão: A school-time! A time-community!" aims to: to know how teaching is constituted in the Rural Family House of Chapadinha-MA and to understand how the training practices in alternation constitute a teaching in the Rural Family House of Chapadinha-MA. The research was carried out with the participation of two teachers from this Rural Family House. The study used the following theoretical contributions: Arroyo, Caldart and Molina (2011), Freire (1983, 1996, 2003, 2005, 2008), Tardif (1999), Gimonet (200), Bazarra, Casanova and Ugarte, (2006), Campos (2010), Brazilian Institute of Geography and Statistics (2010), Municipal Education Secretariat of Chapadinha (2008, 2012), among others. In methodological issues, bibliographic, documental and field research was used. The data collection instruments were: narrative interviews, photographs and preparation of maps. The results show how alternating training practices constituted a teaching marked and situated by school-time and community-time in the Rural Family House of Chapadinha - MA.

Keywords: Teaching. Rural Family House. Experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	- Localização do município de Chapadinha – MA	16
Ilustração 2	- Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores	17
Ilustração 3	- Mapa com a localização das Casas Familiares Rurais nos municípios do Estado do Maranhão	19
Ilustração 4	- Localização da Vila União, no município de Chapadinha-MA	31
Ilustração 5	- Casa Familiar Rural, localizada na Vila União de Chapadinha-MA	32
Ilustração 6	- Alunos visitando propriedade produtora de suínos	34
Ilustração 7	- Alunos em momento de aula prática na preparação da ração para as aves	36
Ilustração 8	- Distribuição dos Componentes Curriculares do Tempo-Escola e do Tempo-Comunidade no Projeto Político-Pedagógico da Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA	38
Ilustração 9	- Alunos em visita à Universidade Federal do Maranhão para aula de apicultura	40
Ilustração 10	- Alunos da Casa Familiar Rural desenvolvendo suas atividades práticas na horta	43
Ilustração 11	- Alunos em uma Palestra com um professor convidado da Universidade Federal do Maranhão	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Quantidades de publicações das palavras-chave Docência, Experiência e Casa Familiar Rural nas Plataformas de Pesquisa SciELO, BDTD e CAPES	23
Tabela 2	- Publicações pesquisadas na <i>Scientific Electronic Library Online</i> (SciELO)	23
Tabela 3	- Publicações pesquisadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)	25
Tabela 4	- Publicações pesquisadas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)	27

SUMÁRIO

	p.
1 CONHECENDO O CAMPO E AS ROÇAS.....	11
2 SEMEANDO NAS ROÇAS E NOS QUINTAIS DE CHAPADINHA- MA.....	15
3 DESBRAVANDO OS PERCURSOS DA DOCÊNCIA.....	22
3.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS: questões teóricas e metodológicas.....	29
4 COLHENDO A PRODUÇÃO E PREPARANDO NOVOS PLANTIOS.....	49
REFERÊNCIAS.....	54

1 CONHECENDO O CAMPO E AS ROÇAS

Sou Grazieli, Mulher, mãe e professora, sempre inquieta, curiosa e interessada em pensar e viver a docência. Educadora em tempo integral. Tenho uma vida dedicada à Educação, envolvida em meu entorno, com minhas alegrias, conquistas e os muitos desafios colocados no caminho. Nesta apresentação, compartilho minha trajetória pessoal e profissional a partir das experiências como professora na Educação Básica e Superior e das aproximações com o campo da pesquisa.

Filha de Giaps Brito e Raquel de Brito, eu, Grazieli Brito da Silva, aos 28 anos, tinha como objetivo para o ano de 2019 ingressar no Mestrado em Educação. Toda a minha trajetória de vida sempre esteve interligada à escola. Esse ambiente me remete a boas lembranças. Sou formada em Pedagogia e em Agronomia e atuo como professora do Ensino Superior na Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP).

Volto ao início...

Na minha alfabetização, tive uma professora que me cativava. Lembro-me de que ficava encantada com todos os materiais que ela preparava para suas aulas. Eu queria, de algum modo, ser igual a ela.

Todo esse mundo dentro da escola me encantava! Em meio a tantas aprendizagens, o que mais me marcou ocorreu na 4ª série do ensino fundamental. Uma professora ao entregar a prova de geografia falou para todos da turma que a única pessoa que não havia acertado a questão dos pontos cardeais era a Grazieli. Senti-me extremamente envergonhada e constrangida. Mas, ao mesmo tempo, desafiada. Por que eu precisava acertar a questão sobre os pontos cardeais? Por sua vez, o ensino médio foi extraordinário. Diversos professores com perfis peculiares, uma infinidade de matérias para estudar, e como sempre me pegava observando cada professor. O que me intriga ainda hoje é como eu classificava-os, destacando sempre o que gostava em cada um deles. Professores rígidos e outros flexíveis. E em cada momento constituía-me como aspirante à docente. Minha mãe sempre reclamou sobre o meu envolvimento com a escola, pois todos os dias inventava uma desculpa para estar lá.

No ensino superior, fui apresentada à pesquisa. Recordo-me da professora Aline, da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, no Curso de Pedagogia (FAP), que explicava o conhecimento científico com palavras que eu nunca havia escutado. Ainda hoje me instiga as estruturas, regras e normas. A professora Delcineide que situava a história da educação me chamou atenção para a questão da educação dualista, mas especificamente para a educação indígena. Posteriormente fui apresentada ao professor Robison Pereira que,

durante a disciplina de Pesquisa Educacional, seduziu-me pelas indicações de leitura e reflexões sobre a educação, em especial, sobre estudos indígenas. Com isso, fui apaixonando-me mais e mais pelos estudos indígenas e pretendia compreender como ocorria o processo de alfabetização desses alunos mediante a língua portuguesa e a língua materna. O Estágio Supervisionado me trouxe outras questões de estudo e indagações. Como professores sem formação específica na área lecionam determinadas disciplinas? Quais implicações poderiam surgir nas aprendizagens dos alunos? Foram essas inquietações que me levaram a propor realizar a monografia intitulada “Sujeitos de um ofício”.

Durante alguns semestres, em paralelo ao Curso de Pedagogia, cursava Agronomia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Nesse tempo, trabalhei como bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema) e como Técnica de Laboratório. As pesquisas de campo eram desenvolvidas na UFMA-Chapadinha em um Povoado chamado Acampamento e Fazenda Várzea, localizadas no município de Brejo - MA. Realizava viagens semanais para a monitoração e acompanhamento dos experimentos. Trabalhei com diferentes culturas, entre elas, Girassol, Capim Massai e Cana-de-açúcar, avaliando a volatilização de amônia com diferentes doses de adubação, utilizando adubos sólidos e fontes alternativas de nitrogênio. Este estudo foi premiado no Seminário de Iniciação Científica do Maranhão (Semic). Também realizei um estágio não-obrigatório na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Meio-Norte (Embrapa).

Na Universidade, fui monitora de algumas disciplinas e era e sou apaixonada por Ecologia Agrícola, Geomorfologia e Física do Solo e Gênese e Classificação do Solo, e adorava de alguma forma me aproximar dos alunos e “brincar de professora”, praticar a docência. Minhas primeiras aproximações com saberes necessários para o exercício de uma docência. Até hoje não compreendo como pude fazer esse malabarismo, porém sentia-me feliz.

Então, sempre tentei saltos... muitos saltos, que em alguns momentos deram certo e em outros não. Sempre participava dos editais da Fapema para conseguir recursos para viagens e até mesmo para estágios de curta-duração, que me possibilitaram vivenciar a experiência de um mês na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizada em Seropédica-RJ, onde aprendi e realizei vários procedimentos laboratoriais. Grávida de sete meses de Maria Sofia, com tudo pronto para defesa, tive de adiar a conclusão da monografia no curso de Agronomia. Dois meses depois, fiz novo contato com a professora orientadora para concluir o estudo.

Diante do aceite da professora, não pensei duas vezes, preparei um projeto, organizei uma equipe de campo e de laboratório, agendei a van da Universidade, entrei em contato com os demais professores que tinham laboratório com os equipamentos que precisaria, consultei o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) e obtive os índices pluviométricos adequados para a coleta de solos. Finalizei o curso com a pesquisa intitulada ‘Variabilidade espacial dos atributos físicos do solo em áreas cultivadas com soja’. Estudei diferentes sistemas de manejo na região leste maranhense, que visavam minimizar os custos na produção de lavouras. Nesse período, possuía uma vida de pesquisadora bem agitada, participava intensamente de eventos, seminários, conferências e encontros. Parecia vírus de computador, rastreando todo e qualquer edital que me favorecesse as publicações.

Passado algum tempo, com a conclusão dos cursos de Pedagogia e Agronomia, ingressei no curso de Pós-graduação em Docência do Ensino Superior na FAP. Mais uma vez estava tecendo a possibilidade para o exercício da docência. Desse modo, consegui ingressar como professora na FAP, instituição que me acolheu como acadêmica do curso de Pedagogia e abriu a possibilidade para o exercício da docência no Ensino Superior. Trabalhei como Coordenadora Pedagógica do Colégio Nossa Senhora de Fátima, colégio aplicação da FAP. No terceiro expediente, tive a experiência de secretária do Curso de Direito. Nessa mesma instituição, fui Coordenadora do Núcleo de Leitura e professora no Curso de Pedagogia. Com todas estas atividades, mesmo assim, fiz a opção por acompanhar também o crescimento dos meus filhos Marcus Vinícius, João Gabriel e Maria Sofia.

Pesquisa é vida! Dizem alguns que não é assim que se faz pesquisa, encharcada com o suor da pesquisadora. Pois eu digo, digo sim, sou professora pesquisadora que não sabe fazer de outro modo. Uma pesquisa tem que ser “almada”, amada e que deixa seduzir e ser seduzida pela vida. Acredito que não só pelos resultados, não busco responder uma ou outra pergunta. Quero, sim, lá no início-fim dessa dissertação deixar mais inquietações, muito mais que essas que até aqui pude apresentar.

E agora estou aqui no curso de Mestrado em Educação – MINTER, da Universidade de Santa Cruz do Sul e Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP. No estudo, tenho como desafio estudar práticas educativas diferenciadas gestadas na Casa Familiar Rural de Chapadinha - MA. Quero compreender essas práticas como possibilidade para o desenvolvimento e qualidade de vida do local. Ao mesmo tempo, pensar acerca das possíveis implicações para uma Educação que faça diferença e diferencie-se no que se refere à docência. Uma docência implicada, comprometida na transformação e conscientização nos que nela se envolvem, estudantes, professores e familiares.

Questões que perpassam o estudo e que fui compreendendo a cada linha que escrevia. Sentidos na Casa Familiar Rural (CRF), mas também sentidos para a professora pesquisadora Grazieli. Quero pensar acerca de uma docência implicada na Pedagogia da Alternância. Uma docência que se faz alternada. Uma docência “lá e cá”, tempo-escola e tempo-comunidade. Assim, proponho a seguinte questão problematizadora e os objetivos, respectivamente:

Como se constitui a docência de um grupo de professores que atuam na Casa Rural de Chapadinha - MA?

- Conhecer como se constitui a docência a docência na Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA.

- Compreender como as práticas de formação em alternância constituem uma docência na Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA.

Do ponto de vista metodológico, a produção dos dados foi realizada a partir de uma entrevista narrativa, análise de documentos orientadores disponibilizados no sítio da instituição, fotografias e elaboração de mapas. Docência aqui assumida na relação teoria e prática, em especial, focando nos dois momentos em ocorrem as atividades por parte dos estudantes, o tempo-escola e o tempo-comunidade.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro “Conhecendo o campo e as roças” faço minha apresentação pessoal e a trajetória profissional que me aproximam da temática estudada. No segundo capítulo “Semeando nas roças e nos quintais de Chapadinha-MA”, apresento o *locus* da pesquisa com a interlocução com alguns autores; no terceiro capítulo “Desbravando os percursos da docência”, apresento pesquisas realizadas que possuem aproximações com o presente estudo e apresento os “Caminhos investigativos: questões teóricas e metodológicas”. No capítulo quatro “Colhendo a produção e preparando novos plantios”, apresento discussões e reflexões sobre a docência alternada e finalizo com as referências utilizadas nas discussões.

2 SEMEANDO NAS ROÇAS E NOS QUINTAIS DE CHAPADINHA- MA

O Estado do Maranhão está localizado na Região Nordeste, com uma área de 333.365,6 km². É constituído por 217 municípios e, segundo o censo do IBGE 2010, 37% da população está localizada na zona rural. Importante apresentar alguns dados sobre a educação na cidade de Chapadinha desde o início de sua habitação até o tempo presente. Neste exercício, trouxe dados acerca de densidade demográfica, caracterização e clima, índices educacionais entre outras informações. No movimento realizado, tive como referência o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Secretaria Municipal de Educação de Chapadinha (SEMED).

Dentro desse cenário, é importante destacar, para aproximações com a pesquisa proposta que, segundo o Censo Demográfico de 2010, na população do meio rural, concentrava-se a maior taxa de analfabetismo. Uma vez que 41,3% de sua população de 15 anos ou mais não sabiam ler nem escrever. (IBGE, 2010).

As Escolas Familiares Agrícolas e as Casas Familiares Rurais fazem parte das preocupações da Secretaria do Estado da Educação do Maranhão. No Plano Estadual de Educação, projeto de lei nº 10.099, publicado no Diário Oficial do Estado, em 11 de junho de 2014, indica que a prática pedagógica da alternância é uma estratégia adequada ao modo de vida do campo. Nesse sentido, sugere apoiar essas modalidades de escola, em especial aquelas que adotam preferencialmente: as Pedagogias do Exemplo, da Resistência, da Alternância, do Movimento, Ativa, da Resposta.

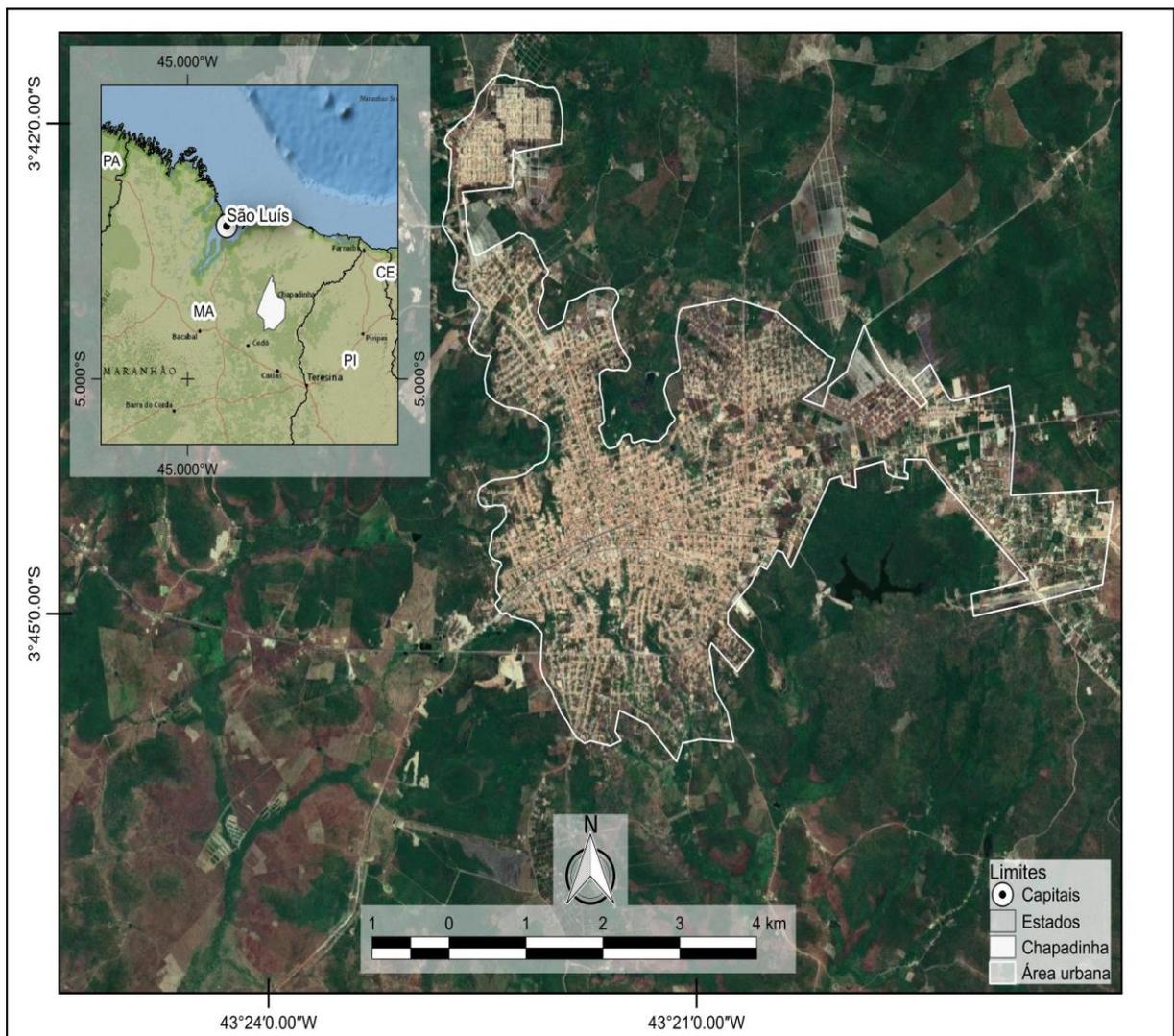
O município onde hoje está a CFR foi habitado por descendentes indígenas, conhecidos como índios Anapurus, que se fixaram em um lugar chamado Aldeia, ainda existente, próximo ao centro da cidade. Essas terras possuíam grandes riquezas e foi esse fator que os atraiu. Aos poucos, a população foi aumentando e os comerciantes começaram a se multiplicar. As primeiras mulheres que habitaram a região tinham a cor de mulata e o terreno possuía características de chapada. Diante dessa realidade, em 1783, com o estabelecimento da sede, a terra foi denominada de Chapada das Mulatas. (IBGE, 2010).

O povoado continuava em crescimento, de modo que, no ano de 1802, no dia 25 de setembro, com a provisão régia, criou-se a União de Nossa Senhora das Dores, que pertencia ao território da paróquia de Vargem Grande, por sua vez, comarca de Itapecuru-Mirim. O povoado Chapada das Mulatas passou à categoria de Vila recebendo o nome de Chapadinha no dia 17 de outubro de 1890, através do Decreto Estadual nº 36, desarticulando os vínculos com Vargem Grande e Brejo. (IBGE, 2010).

A partir do século XX, a Vila cresceu rapidamente favorecendo o desenvolvimento econômico e regional, por meio das riquezas naturais, destacando-se a carnaúba e o babaçu. O administrador Paulo Martins de Souza Ramos nomeou Chapadinha a categoria de cidade em 29 de março de 1938. (IBGE, 2010).

O município de Chapadinha localiza-se no estado do Maranhão (Ilustração 1), possuindo como coordenadas $3^{\circ}44'17''$ S e $43^{\circ}20'29''$ W (IBGE, 1984). O bioma que caracteriza a região é o Cerrado. Segundo a classificação climática de Köppen, é tipo Aw, possui clima tropical com estação seca de inverno, e verão com chuva. Sua área territorial é de $3.247,383$ km² (IBGE, 2010). Situa-se a 270 km de São Luís, capital maranhense, possuindo acesso pela BR 135 até o entroncamento localizado nos limites de Itapecuru-Mirim, seguindo pela BR 222, até a cidade de Chapadinha.

Ilustração 1 – Localização do município de Chapadinha - MA



Fonte: SILVA (2021)

De acordo com o IBGE (2010), no ano de 2010, a população era de 73.350 habitantes, e em 2020 a população estimada foi de 80.195 habitantes. Sua densidade demográfica é de 22,59 hab/km². Os nascidos do município são chamados de chapadinhenses.

Historicamente, Chapadinha se caracteriza por possuir forte influência da Igreja Católica e a Paróquia de Nossa Senhora das Dores (Ilustração 2) promove anualmente um dos maiores festejos da Região do Baixo Parnaíba.

Ilustração 2 – Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores



Fonte: IBGE (2020)

Os últimos anos foram marcados de forma significativa para os cidadãos chapadinhenses, bem como nos municípios vizinhos, tanto em âmbito econômico como educacional. Segundo a Secretaria Municipal de Educação de Chapadinha em 2005, havia o total de 265 docentes formados pela Universidade Estadual do Piauí por intermédio do convênio celebrado com a Prefeitura Municipal. Desse total, 50 possuíam formação em Letras, 35 em Matemática, 50 em História, 100 em Pedagogia e 30 em Ciências Biológicas. (SEMED, 2008).

Em 2012, a Rede Municipal de Ensino possuía 952 professores, desse total 679 eram habilitados com formação de nível superior, sendo que 385 possuíam formação em Pedagogia, 294 professores, licenciatura nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Havia,

ainda, 273 professores não habilitados, 41 professores com Curso Médio/Normal e 65 professores sem formação para exercício na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

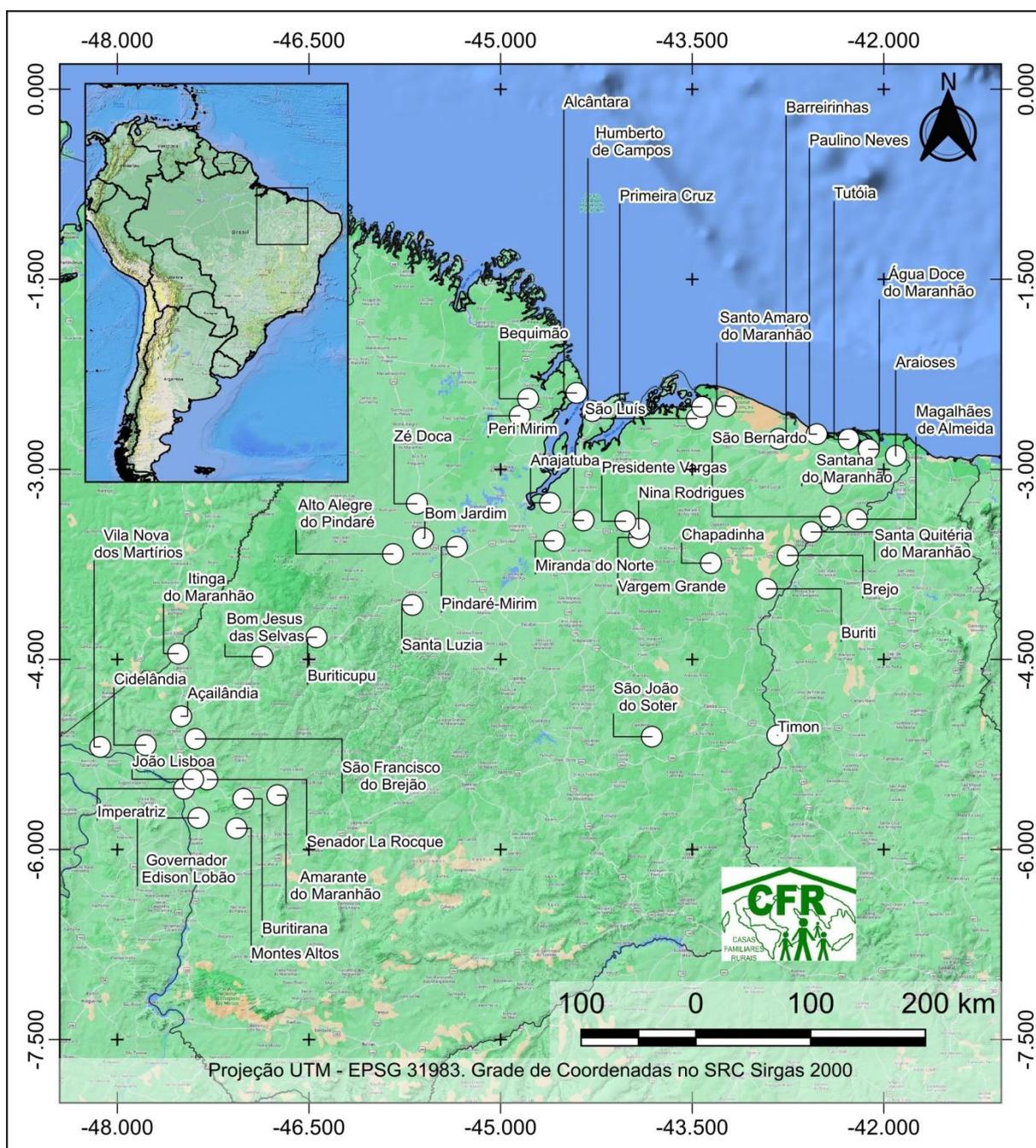
Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, havia 102 professores que estavam cursando o ensino superior e nos Anos Finais do Ensino Fundamental 65 professores encontravam-se em processo de formação. A formação destes professores ao nível de graduação era realizada, em especial, por meio de convênios assinados com a Universidade Estadual do Piauí – UEPI e Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP (SEMED, 2012).

Segundo o IBGE (2010), o município de Chapadinha possuía um quadro docente, que totalizava 1.119 profissionais, desse grupo 946 eram pertencentes à Rede Municipal de Ensino e 173 à Rede Estadual. Vale ressaltar que 149 docentes atuavam no Ensino Pré-escolar, 797 no Ensino Fundamental e 173 no Ensino Médio. Diante disso, as matrículas totalizaram 21.767 na Rede Municipal e Estadual de Ensino, dentre elas 2.837 foram no Ensino Pré-Escolar, 15.651 no Ensino Fundamental e 3.279 no Ensino Médio.

No Estado do Maranhão, segundo o Censo (2012), há 332 escolas estaduais em áreas rurais. Dezoito dessas escolas são Casas Familiares Rurais (CFR) com um atendimento baseado em metodologias específicas voltadas à realidade do homem do campo. Tendo como referência a Pedagogia da Alternância, essas escolas integram e articulam três agentes educativos: a família, a comunidade e a escola. Considerando o pressuposto, as escolas organizam o seu tempo educativo em dois momentos: tempo-escola e o tempo-comunidade (MARANHÃO, 2014).

Em 2021, no site na Secretaria Estadual da Educação, registra-se 46 Casas Familiares Rurais (Ilustração 3). Uma dessas CFR está localizada na Zona Rural do município de Chapadinha, no povoado Vila União.

Ilustração 3 – Mapa com a localização das Casas Familiares Rurais nos municípios do Estado do Maranhão



Fonte: SILVA (2021)

Na ilustração 3, é possível observar a localização das Casas Familiares Rurais nos municípios do Estado do Maranhão. São eles: Açailândia, Água Doce, Alcântara, Alto Alegre do Pindaré, Amarante, Anajatuba, Araiões, Barreirinhas, Bequimão, Bom Jardim, Bom Jesus das Selvas, Brejo, Buriti de Inácia Vaz, Buriticupu, Buritirana, Chapadinha, Cidelândia, Humberto de Campos, Imperatriz, Itapecuru-Mirim, Itinga do Maranhão, João Lisboa, Magalhães de Almeida, Miranda do Norte, Montes Altos, Nina Rodrigues, Paulino Neves,

Peri-Mirim, Pindaré Mirim, Presidente Vargas, Primeira Cruz, Ribeirãozinho (Governador Edison Lobão), São João do Sóter, Santa Luzia, Santa Quitéria, Santana do Maranhão, Santo Amaro, São Bernardo, São Francisco do Brejão, São Luís, Senador La Roque, Timon, Tutóia, Vargem Grande, Vila Nova dos Martírios e Zé Doca.

A Casa Familiar Rural de Chapadinha (CFRC) tem como referência nas suas práticas pedagógicas a Pedagogia da Alternância. Uma das implicações para o trabalho docente é o professor entender que sua prática envolve muito mais que o espaço da sala de aula.

A Pedagogia da Alternância foi introduzida no Brasil na década de 60, sendo originada do modelo *Maisons Familiales Rurales* da França. Nesse espaço, os alunos possuem uma sistemática diferenciada no calendário escolar, onde se estabelecem na escola por alguns dias e retornam para casa para aplicarem o que aprenderam e posteriormente retornam para a escola, retomando o ciclo. Gimonet (2007, p. 112), destaca que a Pedagogia da Alternância “exige não somente uma simples observação do ambiente, mas uma implicação da sua parte para agir onde se encontra”. E para Arroyo, Caldart e Molina (2011, p. 104): “ela brota do desejo de não cortar raízes”.

No mesmo sentido, Paulo Freire destaca que no diálogo é que surgem as inquietações, que constitui um movimento de ir e vir e cuja docência é desafiada para um estado de interlocução constante com a realidade na qual a escola está inserida. Pode implicar que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 2005, p. 51).

Dessa forma, o professor pode perceber-se nesse espaço, para saber agir, que “lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação” (FREIRE, 1987, p. 86). Freire (1983, p. 46) ainda afirma “estas formas de estar sendo se diferenciam das urbanas, até na maneira de andar, de vestir-se, de falar, de comer que têm as gentes. Isto não significa que não possam mudar. Significa simplesmente que estas mudanças não se dão mecanicamente”. O professor é um sujeito histórico, que se refaz constantemente, sendo que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem” (FREIRE, 2003, p. 27). Deste modo,

O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? de onde venho? onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE 2003, p. 27).

Com a Pedagogia da Alternância, é possível um movimento de experiência reflexiva, sistematicamente organizada pelos professores, em que os alunos são levados a praticar e a refletirem junto às suas famílias sobre suas relações e práticas da realidade. Neste estudo, assumo a Pedagogia da Alternância como uma metodologia de ensino, um modo das populações do campo e da cidade resistir, produzir e contar no cenário da educação. Uma Educação que se faz com estudantes, professores e o entorno. Não se trata, portanto, de levar o (des)conhecido, mas tecer junto a pauta do que se precisa aprender, como subsistência e luta pela vida. Os estudantes que procuram ou são procurados por essas escolas praticam a agricultura familiar como forma de subsistência e o desenvolvimento local. Assim, as Casas Familiares Rurais, foco deste trabalho, compõem, com outras iniciativas, uma formação voltada para o local, para a permanência das famílias no campo na luta por uma melhor qualidade de vida e trabalho.

Um modo diferenciado de ser educador e escola do/no campo. As escolas em alternância constituem um movimento educativo articulado com outras dimensões com as quais a educação interage para favorecer o domínio do poder e do saber, que possibilitam a autonomia e a invenção de novos modos de existência. (RODRIGUES, 2008, p. 5)

Assim, na Casa Familiar Rural de Chapadinha, as práticas pedagógicas integram o conhecimento científico ao saber prático, valorizando as experiências e fortalecendo os vínculos entre escola/ família/ aluno e sociedade. Quero seguir pensando para conhecer, compreender e problematizar essas práticas e suas contribuições para uma docência alternada. Uma docência que se faz aqui (tempo-escola) e lá (tempo-comunidade). Para tanto, no próximo capítulo apresento trabalhos de pesquisa realizados e que tem como foco os marcadores centrais do meu estudo: Docência, Casa Familiar Rural e Experiência.

3 DESBRAVANDO OS PERCURSOS DA DOCÊNCIA, EXPERIÊNCIA E CASA FAMILIAR RURAL

Neste capítulo, tenho por objetivo apresentar e discutir o estado do conhecimento acerca da temática proposta da investigação. Esse exercício foi realizado em dois momentos. No primeiro, optei por três bases de dados, indicando os marcadores centrais da pesquisa: Docência, Casa Familiar Rural e Experiência. No segundo momento, selecionei os trabalhos que, no meu entendimento, estabeleciam maior aproximação com as minhas inquietações e objetivos do estudo proposto.

Destaco, ainda, que esse exercício foi importante desde a elaboração do projeto e persiste na dissertação do estudo, pois me possibilitou entender e redimensionar o que eu estava inicialmente projetado para o estudo. Foi feito diferentes esquemas, tabelas e muitas anotações. Na dissertação, optei por manter os trabalhos encontrados, o que pode ser valioso para os leitores do meu estudo. Entendo que, ao conhecer e identificar aproximações da temática com outros trabalhos, auxiliou-me no meu percurso de pesquisadora. Um aprendizado necessário que mostra o quanto a proposição de um novo estudo pode ser realizado no diálogo com a comunidade de pesquisadores que também tem interesse pela temática.

Entendo que o ato de buscar conhecer o que se pretende pesquisar é fundamental, sendo necessário compreender esse movimento em seu conjunto. Dessa forma realizei um estado do conhecimento que tem,

[...] o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos, dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado [...] (FERREIRA, 2002, p. 257).

Com isso, realizei um levantamento quantitativo e qualitativo das pesquisas referente a partir dos seguintes marcadores: Docência, Casa Familiar Rural e Experiência. A partir de um recorte temporal de 2012 a 2019¹, nas plataformas *Scientific Electroni*, *Library Online* (SciELO), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), consegui estabelecer aproximações entre as minhas intenções de estudo com algumas produções já concluídas (Tabela 1).

¹ O critério de escolha do período para recorte temporal foi estabelecido, porque essa pesquisa e estudo ocorreu no ano de 2020.

Tabela 1 – Quantidades de publicações das palavras-chave Docência, Experiência e Casa Familiar Rural nas Plataformas de Pesquisa SciELO, BDTD e CAPES

PALAVRAS-CHAVE PLATAFORMAS	Docência	Experiência	Casa Familiar Rural
	SciELO	37	73
BDTD	5	57	42
CAPES	297	12	574

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No primeiro momento, na Plataforma da Scielo², localizei 37 artigos que abordavam Docência, 73 com Experiência e 28 sobre Casa Familiar Rural. No segundo momento, fiz uma segunda seleção, considerando o marcador utilizado, o título do estudo e o ano de publicação.

Foram selecionados 4 (quatro) artigos que discutem a Docência, 1 (um) que trata a Experiência (Tabela 2) e para a Casa Familiar Rural não foi selecionado nenhum, porque os estudos apresentados não se alinhavam com a abordagem em estudo, tratavam sobre características demográficas para produção do tabaco, alimentação escolar, tratamento oncológico das famílias, biodiversidade de espécie, autonomia da mulher por meio do extrativismo, línguas em conflito e mulheres rurais. Portanto, os trabalhos selecionados contribuem para a pesquisa na medida em que se assemelha ao presente estudo.

Tabela 2 – Publicações pesquisadas na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO)

<i>Scientific Electronic Library Online</i> (SciELO)		
Palavras-chave	Título	Ano de publicação
Docência	Pedagogias universitárias: as influências das diferentes áreas do conhecimento na atuação docente.	2018
	Representações sociais sobre a permanência na docência: o que dizem docentes do ensino fundamental?	2018
	Como se constitui o discurso de professores iniciantes em sala de aula.	2018
	Formação de professores e saberes docentes: trajetória e preocupações de uma pesquisadora da docência – uma entrevista com Ruth Mercado.	2014
Experiência	Os ideais da formação humanista e o sentido da experiência escolar.	2017

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

² Filtros: Periódico: Educação e Pesquisa; Ano de publicação: 2012-2019; Scielo Áreas temáticas: Ciência Humanas; WoS Áreas temáticas: Educação e pesquisa educacional.

No que se refere ao marcador “docência”, encontrei quatro estudos, porque as demais pesquisas falavam sobre docência digital, espiritualidade, inclusão estudantil, multimídia educativa, sociologia pragmática, níveis de empatia, dentre outros. E na “experiência” foi escolhido somente um, porque as outras pesquisas tratavam sobre concepção filosófica da educação, formação na educação infantil, conectividade humana em Rousseau, infância e urbanidade nos parques infantis, desenho artístico, gênero, intercâmbio acadêmico, projeto pedagógico, associativismo operário, política editorial de traduções, cinema; arte, escola e museu; sociologia dos etnométodos e representação de alunos.

O artigo intitulado “*Pedagogias universitárias: as influências das diferentes áreas do conhecimento na atuação docente*” (SCREMIN; ISAIA, 2018) teve como objetivo discutir a influência das diferentes áreas do conhecimento na pedagogia universitária. Para realização da pesquisa utilizou a análise de narrativas. Constataram que o conhecimento pedagógico se ajusta as diferentes áreas do conhecimento.

Já o artigo “*Representações sociais sobre a permanência na docência: o que dizem docentes do ensino fundamental?*” (NASCIMENTO; RODRIGUES, 2018) teve como objetivo analisar as representações sociais de professores do ensino fundamental de escolas públicas sobre a sua permanência na docência na perspectiva das objetivações e ancoragens que organizam essas representações. Utilizaram como metodologia a pesquisa de caráter descritivo e analítico com referência na Teoria das Representações Sociais, com 25 professores que trabalhavam no ensino fundamental. Concluíram que a profissão de professor edita uma profissão prazerosa, enquanto os sentidos atribuídos são desprazerosos e desmotivadores para a permanência na profissão.

A pesquisa “*Como se constitui o discurso de professores iniciantes em sala de aula*” (LOBATO; QUADROS, 2018) teve como objetivo analisar mudanças no discurso e no entendimento sobre o papel do professor em sala de aula, a partir da vivência em projeto de imersão na docência centrado no planejamento e desenvolvimento de aulas temáticas e na avaliação compartilhada das próprias aulas. Foi utilizado como instrumentos de coleta de dados filmagens das aulas e uma entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos enfatizam que o entendimento sobre o papel do professor se refletirá na prática, quando esses sujeitos assumirem a docência.

O artigo “*Formação de professores e saberes docentes: trajetória e preocupações de uma pesquisadora da docência – uma entrevista com Ruth Mercado*” (SOUZA; ZIBETTI, 2014) teve como objetivo compreender o campo educacional ao tratar de temas contemporâneos a partir da experiência profissional de uma investigadora de renome

internacional Dr^a. Ruth Mercado. Utilizando como metodologia a entrevista, resultou em um convite à reflexão sobre os desafios que a universidade e seus profissionais enfrentam na construção de propostas de formação docente adequadas às necessidades, demandas e características próprias daqueles que atuam na educação básica.

O artigo intitulado “*Os ideais da formação humanista e o sentido da experiência escolar*” (CARVALHO, 2017) teve como objetivo associar a noção de uma crise na educação escolar a um aspecto que costuma permanecer oculto na maior parte dos discursos críticos acerca da escolarização contemporânea. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre os escritos de Arendt e Koselleck. Concluiu-se que a experiência transcende qualquer funcionalidade exterior, residindo na própria formação de sujeito.

Com isso, a partir da análise dos artigos que abordam a docência e experiência foi possível compreender que a formação de professores está intrinsecamente relacionada com a sua experiência. Esse processo considera desde os que estão em processo de formação universitária até aos que já possuem experiência em diferentes áreas.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), foram utilizados os mesmos filtros³, obtendo 5 (cinco) dissertações sobre Docência, 57 (cinquenta e sete) sobre Experiência e 42 (quarenta e duas) sobre Casa Familiar Rural, em que foram selecionadas somente 2 (duas) dissertações sobre a Casa Familiar Rural (Tabela 3). Essa escolha foi bem criteriosa após uma leitura minuciosa para a seleção, porque as dissertações sobre “docência” discutiam sobre música, artes visuais, estágio supervisionado, docência nos anos iniciais do ensino fundamental e bolsas de iniciação científica. Já com a palavra-chave “experiência”, apresentavam discussões nas comunidades surdas, educação infantil, análise de linguagem, cidadania, comunidades quilombolas, narrativas infantis, experiências em hospital, experiências em sistema prisional, que não se alinhavam à temática em discussão.

Tabela 3 – Publicações pesquisadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)		
Palavras-chave	Título	Ano de publicação
Casa Familiar Rural	Educação na Casa Familiar Rural de Capanema/PR: práticas educativas de educação rural ou educação do campo?	2015
	Não é escola, é casa!?! A Pedagogia da Alternância nas Casas Familiares Rurais do Sudoeste do Paraná	2013

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

³ Filtros: Programa: Programa de Pós-graduação em Educação; Tipo de Documento: Dissertação; Área de Conhecimento: CNPQ: Ciências Humanas: Educação; Ano de defesa: 2012-2019.

A dissertação intitulada de “*Educação na Casa Familiar Rural de Capanema/PR: práticas educativas de educação rural ou educação do campo?*” (SILVA, 2015) teve como objetivo averiguar se a Casa Familiar Rural localizada no município de Capanema/PR segue os preceitos da Educação Rural ou da Educação do Campo tanto em suas teorias quanto nas práticas pedagógicas. Utilizou-se como procedimentos metodológicos a observação e entrevistas. Possibilitou um novo olhar sobre as questões que no tange à Educação do Campo, aos sujeitos do campo, às suas respectivas variáveis e desdobramentos para as problemáticas e imperfeições enfrentadas pela Casa Familiar Rural localizada no município de Capanema/PR que oferta um modelo pedagógico que vem ao encontro das particularidades e lutas da Educação do Campo.

Já a dissertação “*Não é escola, é casa!? A Pedagogia da Alternância nas Casas Familiares Rurais do Sudoeste do Paraná*” (PLEIN, 2013) teve como objetivo investigar as possibilidades e limitações do ensino por meio da Pedagogia da Alternância nas Casas Familiares Rurais no Sudoeste do Paraná (Regional I da ARCAFAR-SUL). Utilizou-se como procedimentos de coleta de dados pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com análise documental e aplicação de questionários. Concluiu-se que, para a formação integral, deve-se considerar a realidade local em sua sabedoria e as experiências aproveitadas como subsídios na formação profissional e humana. Percebeu-se que, nas Casas Familiares Rurais, existe a possibilidade de uma formação que se diferencia pela sua abordagem, possibilitando novas experiências para professores e alunos.

No Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram utilizados filtros⁴ que resultaram em 297 (duzentos e noventa e sete) artigos sobre Docência, 12 (doze) sobre Experiência e 574 (quinhentos e setenta e quatro) sobre a Casa Familiar Rural, selecionando 2 (dois) sobre Docência e 2 (dois) sobre Casa Familiar Rural (Tabela 4). Não foi selecionando nenhum artigo sobre “experiência”, porque tratavam sobre ética cívica, gestão educativa, formação em saúde, virtualização tecnológica, diferença cultural, pedagogicidade, infância como solidão, pais de crianças com fibrose cística, hospício em crise, letramento científico, residência em políticas públicas, pessoas com deficiência, práticas psicológicas, paresia, saúde mental, antropologia médica, entre outros.

⁴ Filtros: Tipo de recurso: artigos; Idioma: português; data de publicação: 2012 - 2019; coleção: SciELO; tópico: Education; nível superior: periódicos revisados por pares.

Tabela 4 – Publicações pesquisadas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)		
Palavras-chave	Título	Ano de publicação
Docência	O interesse de estudantes de pedagogia pela docência	2016
	Gênero e Docência: Olhares sobre a formação de professoras rurais no Brasil e na Colômbia	2015
Casa Familiar Rural	O desafio de ser professor na escola do campo: o contexto da Casa Familiar Rural Santo Agostinho	2014
	Práticas de educação do campo no Brasil: Escola Família Agrícola, Casa Familiar Rural e Escola Itinerante	2014

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Foram somente selecionados dois sobre “docência”, porque os demais artigos tratavam sobre docência no ensino superior, programa institucional de bolsas, professores iniciantes, federalismo e religião, cinema e história do currículo. E sobre “Casa Familiar Rural” foram escolhidos dois, porque as demais pesquisas discutiam sobre formação continuada, gênero, desigualdade e exclusão, deficiência de vitamina A em mães e filhos, história afro-brasileira, medicina parental, maternidades na adolescência e abandono escolar.

O artigo intitulado “*O interesse de estudantes de pedagogia pela docência*” (BRANDÃO; PARDO, 2016) teve como objetivo analisar as representações de estudantes de licenciatura em pedagogia acerca da profissão de professor, bem como compreender o interesse deles pelo exercício da docência, especialmente na educação básica. Utilizou-se como metodologia a aplicação de um questionário com 120 alunos dos cursos de pedagogia licenciatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em fase intermediária ou de conclusão de curso. Concluíram que, embora a representação positiva da função social do professor contribua para o interesse ou admiração pela profissão, esse aspecto apenas parece insuficiente para motivar a permanência de estudantes nessa carreira, o que aponta para a necessidade de mudanças nas condições de trabalho e no contexto de desvalorização social da profissão docente, aspectos percebidos como negativos por esses estudantes.

Já o artigo “*Gênero e Docência: Olhares sobre a formação de professoras rurais no Brasil e na Colômbia*” (DINIZ; JARDILINO, 2015) teve como objetivo debater a questão da formação de mulheres professores para a escola rural, discutindo, com base na psicanálise, a problemática da formação situada na bifurcação – gênero, sujeito e docência. Foram realizadas entrevistas com professores no Brasil e na Colômbia, que buscavam encontrar, no

relato de vidas das mulheres-professoras, o significado subjetivo de ser mulher e professora no espaço rural. Concluíram que o contato com o discurso das docentes da região de Santa Rita e dos relatos de docentes da Colômbia nos traz a sensação de um lugar descoberto, e, como tal, aberto para novas possibilidades, novas viagens, outras questões e respostas, bem como muitas perguntas.

Já o artigo “*O desafio de ser professor na escola do campo: o contexto da Casa Familiar Rural Santo Agostinho*” (BERNARDI; PELINSON; SANTIN, 2014) teve como objetivo refletir acerca das tensões e dos desafios enfrentados pelos professores/monitores no cotidiano dos processos educativos do campo, a partir da experiência da Casa Familiar Rural Santo Agostinho, em Quilombo, SC, Brasil. Utilizaram como procedimentos metodológicos entrevistas e observação. Concluíram que os professores/monitores apresentam uma crítica sociológica às questões que emergem no debate da Educação do Campo, havendo a necessidade de formação continuada como oportunidade de desenvolvimento profissional desses sujeitos, do efetivo reconhecimento da importância de seu trabalho, de oferecer condições de permanência na sua prática educativa.

O artigo “*Práticas de educação do campo no Brasil: Escola Família Agrícola, Casa Familiar Rural e Escola Itinerante*” (CHAVES; FOSCHIERA, 2014) teve como objetivo conhecer as ferramentas metodológicas aplicadas à transformação do meio rural. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica realizada em livros, revistas científicas, monografias de graduação, dissertações de mestrado, teses de doutorado, sites de instituições de ensino, dentre outros. Obteve-se como resultado uma diferenciação entre os sistemas adotados por essas instituições. No entanto, assemelham-se ao propiciar a articulação trabalho e escola. Isso permite que o indivíduo consiga conciliar a formação escolar com sua realidade de vida. Desse modo, a docência exercida na Casa Familiar Rural permite aos professores experiências que contemplam a sua formação na qual, a partir dos relatos, tem-se uma percepção diferenciada sobre modos de ser professor.

Ao finalizar este primeiro movimento de busca nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), detive-me naqueles estudos que discutiram em maior densidade sobre a docência e experiência geradas em Casas Familiares Rurais na interface com a formação de educadores. Esse segundo movimento serviu de referência na escrita de outras seções desta dissertação. Optei, portanto, em apresentá-lo com outras elaborações que estão presentes na sequência do texto.

3.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS: Questões teóricas e metodológicas

Na seção anterior, apresentei o estado do conhecimento acerca do meu estudo. Nela, demonstrei a partir de estudos já finalizados a relevância da temática e alguns recortes para seguir pensando no que estou nomeando como docência alternada. A seguir, começo a contar os movimentos da pesquisa. As idas e vindas, os descaminhos e, por fim, o que assumi para o estudo.

Assim, quero contar como fiz a pesquisa. Nesse processo, faço e ela me faz. Das dificuldades nas novas leituras. Das incompletudes dos começos. Em outro capítulo desta dissertação, escrevi a minha aproximação com a temática da pesquisa. Por que a Casa Familiar Rural de Chapadinha? Por que de querer pensar acerca de como se constitui a docência de professores que habitam esse lugar?

Os materiais de pesquisa são compostos pelo Projeto Político-Pedagógico – PPP da CFRC, com produção de mapas de localização, fotografias do acervo pessoal da Casa Familiar Rural e entrevistas narrativas com duas professoras nas quais levantei dados acerca das práticas pedagógicas alternadas, tempo escolar e tempo comunidade. Docência aqui assumida na relação teoria e prática, em especial, focando nos dois momentos em ocorrem as atividades por parte dos estudantes, o tempo-escola e o tempo-comunidade.

Minha busca maior, meu propósito é compreender e explicar estes dois tempos e entendê-los como formadores ou (co)formadores da docência desses professores. Acredito ser uma ousadia para o escopo de uma dissertação. Mas vamos lá. Quero estar ciente do que lá ocorre e ao mesmo tempo dar visibilidade a essas práticas docentes muito lindas, engajadas e que fazem diferença na comunidade. Não se trata apenas de um “vir a ser”, mas é ali mesmo que tudo ocorre, está sendo e é de fato. Ousei?!

Com relação à abordagem, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e documental para fundamentação legal e teórica. A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de livros e da internet; e, para a pesquisa documental, busquei o Projeto Político-Pedagógico da Casa Familiar Rural de Chapadinha.

Assim, conforme pontua Lakatos e Marconi (2011, p. 83):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

E a pesquisa documental é definida tendo como:

[...] fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Em seguida, foi realizada a pesquisa de campo que, para Gonsalves (2001, p. 67),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

O primeiro contato realizado foi antes da qualificação do projeto, em que nomeio de Momento 1, e o segundo contato foi após a qualificação da projeto que nomeio de Momento 2. Realizei as entrevistas narrativas, as professoras disponibilizaram fotografias do acervo pessoal da CFR de Chapadinha e realizei a produção de mapas de localização, elaborados no software QGIS, com dados obtidos de repositórios oficiais da base cartográfica do IBGE (QGIS, 2021).

Para as entrevistas narrativas, Meyer e Paraíso (2014, p. 177) destacam que “por meio da narrativa, é possível reconstruir as significações que os sujeitos atribuem ao seu processo de escolarização, pois falam de si, reinventando o passado, ressignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos”.

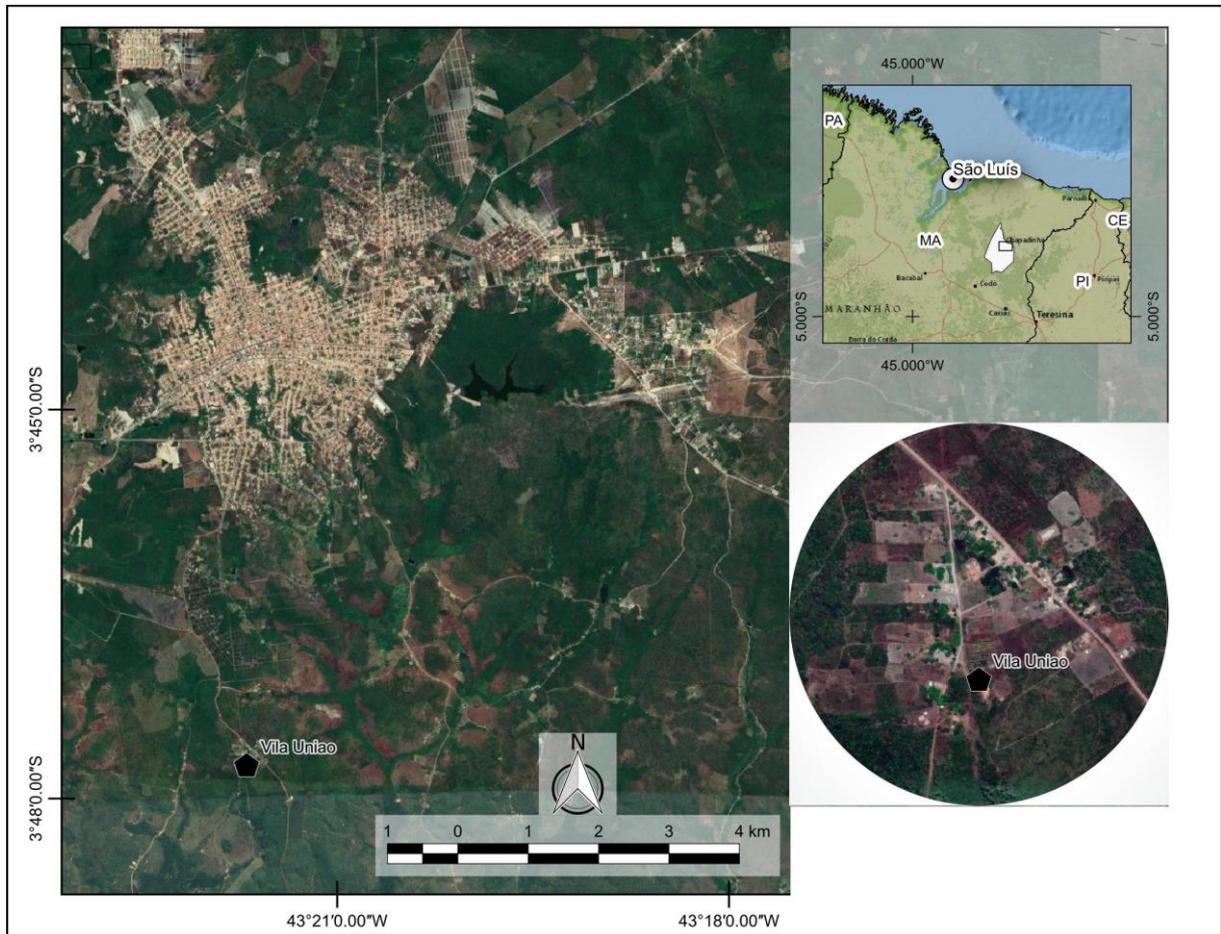
Guran (1992) destaca que, com a linguagem fotográfica e informação, “Você não fotografa (apenas) com a sua máquina. Você fotografa com toda a sua cultura, os seus condicionamentos ideológicos”.

Dessa forma, fui em busca de respostas para as minhas inquietações. O percurso dessa docência alternada começa com uma busca ativa, na qual o grupo de docentes percorre os povoados próximos, visitando as famílias e apresentando a proposta da Casa Familiar Rural (CFR). Cabe destacar que as entrevistas narrativas com as professoras me proporcionaram compreender um tanto mais como “tais experiências constituem-nos e são produzidas e mediadas no interior de determinados espaços como a escola ou os espaços que remetem experimentações nela conhecidas ou, ainda, no interior de determinadas práticas sociais” (MEYER e PARAÍSO, 2014, p. 177).

As participantes da pesquisa foram duas professoras que atuam na escola. No percurso, recebi das professoras e da coordenação da CFR de Chapadinha - MA autorização para a posterior produção de dados que está documentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) presente nos anexos desta dissertação. O percurso inicialmente pensado

era a realização de entrevistas presenciais. No entanto, com o evento da pandemia, realizei as conversas via *Google Meet* e áudios no *WhatsApp*.

Ilustração 4 – Localização da Vila União, no município de Chapadinha-MA.



Fonte: SILVA (2021)

Na ilustração 4, apresenta-se a localização da Vila União (zona rural), onde está situada a Casa Familiar Rural, distante cinco quilômetros da zona urbana no município de Chapadinha-MA. Na ilustração 5, apresento a escola e o espaço em que professores e alunos se encontram.

Ilustração 5 - Casa Familiar Rural, localizada na Vila União de Chapadinha-MA



Fonte: Acervo Pessoal da Casa Familiar Rural de Chapadinha - MA (2019)

Em uma das conversas com as professoras, identificadas aqui como (AJ) e (DS). A primeira é graduada em Agronomia e Mestre em Ciência Animal, com sete anos de docência e a segunda é graduada em Matemática, com especialização no Ensino da Matemática e da Física, com vinte anos de docência. Na escola, elas são responsáveis pelos componentes curriculares da parte técnica de Agronomia (AJ) e Matemática (DS), que compõem o currículo do Ensino Médio. O currículo é composto por disciplinas da base do Ensino Médio ‘normal’ e disciplinas específicas dos dois cursos técnicos disponíveis, Agronomia e Zootecnia. Na conclusão do curso, os estudantes obtêm o título de Técnico em Agropecuária. A seguir, apresento as transcrições das entrevistas realizadas, destacando as continuidades e as rupturas no que se refere à docência Casa Rural de Chapadinha - MA e como ela se constitui.

Momento 1

GRAZIELI - Qual a história e a proposta da Casa Familiar Rural de Chapadinha?

Professora (AJ)

Foi fundada em 2002. Eles não tinham uma sede própria, eles funcionavam onde hoje é o

prédio do Mestrado em Ciência Animal na Universidade Federal do Maranhão de Chapadinha. Depois foram para área na Vila União. Porque cada morador é detentor do seu pedaço que mora A associação de moradores doaram dois hectares para a Casa Familiar Rural.

.....

A proposta da metodologia é da Pedagogia da Alternância*. Porque eles têm a possibilidade de ficarem quinze dias na casa deles e quinze dias na escola. Eles ficam quinze dias na escola, com aulas de período integral, manhã, tarde e noite. São cinco horários pela manhã, quatro horários à tarde e dois horários à noite. Isso de segunda a sábado. E no domingo eles descansam. Essa é a folga deles, mas eles permanecem na escola. Mas durante duas semanas eles ficam lá, nesse regime. Eles entram em uma segunda-feira pela manhã, passam as duas semanas, e saem no sábado da semana seguinte.

.....

Então, grande parte dos alunos que estão presentes na CFR são das áreas mais distantes do município, onde esses anexos não chegam, onde a maioria dos pais não tem condição de colocar os filhos para estudar na cidade. Para esses jovens, é uma viabilidade muito grande, nesse sentido de eles terem a oportunidade de cursarem o ensino médio e ainda tem uma capacitação técnica em Agropecuária. Porque eles têm todas as disciplinas do núcleo comum, que é da base do ensino médio, mais as disciplinas de cunho técnico, que é a Agronomia e Zootecnia.

.....

Nem tudo são flores... é uma proposta muito boa, muito viável para esses jovens que moram na zona rural, mas ela enfrenta muitos entraves.

Por quê? Porque as Casas Familiares Rurais, elas não são entidades digamos que governamentais, elas são formadas por uma associação maior... uma entidade, digamos, não sei, se não filantrópica seria uma palavra adequada, que rege todas elas. Tem uma subdivisão no nosso estado, tem as Casas Familiares Rurais e as Escolas Famílias Agrícolas, que têm a mesma metodologia, os mesmos preceitos de ensino, só que regidas por associações diferentes.

.....

A escola de Chapadinha é regida pela ARCAFAR que é a Associação Regional das Casa Familiares Rurais, que tem sede em São Luís - MA. Então, tem presidente, vice-presidente

que são formados por pessoas do meio rural, aí eles têm uma assessoria na parte pedagógica, que são funcionários, e eles se mantêm através de projetos e convênios que eles fazem com os órgãos públicos.

São uma associação com CNPJ que concorrem a licitações e que busca parceiros. E os parceiros que conseguem é que dão subsídios para a funcionalidade dela.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Ilustração 6 – Alunos visitando propriedade produtora de suínos



Fonte: Acervo pessoal da Casa Familiar Rural de Chapadinha - MA (2019)

GRAZIELI - Como funcionam os projetos? E qual é o órgão responsável pelo financiamento?

Professora (AJ)

Em relação a essa parte de projetos, geralmente, os maiores parceiros são as Secretarias de Estado, a SAF⁵, SAGRIMA⁶ não fez nenhuma parceria ainda, mas a SAF já fez muitas parcerias nas CFRs, inclusive na de Chapadinha.

⁵ Secretaria de Estado da Agricultura Familiar

⁶ Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Pesca do Maranhão

O projeto de aves foi incentivo da SAF para dar continuidade, o projeto de galinhas poedeiras e algumas codornas foi através da SAF. Tudo são parcerias através de convênios, ou então quando abre uma chamada pública e elas concorrem, e aí ganham. Ou então, o próprio órgão vem e forma parceria.

A AGERP é uma parceira porque precisava de área para fazer experimentos e viu na escola uma oportunidade, até para os alunos também ajudarem. E assim, aí vem a UFMA, eles se mantêm basicamente de parcerias e projetos. Não tem um órgão específico financiador, depende do órgão e se tem uma chamada pública aberta.

Em relação ao desenvolvimento do projeto, de acordo com o órgão que forma a parceria, ou então, eles dão só um investimento inicial e a própria Casa se organiza.

A avicultura tem o investimento inicial, onde eles dão ração para o desenvolvimento de um lote, eles dão os pintinhos, e a escola entra com a mão de obra e aí depois o que a escola vender já vai servir para a escola comprar um outro lote, e assim vai se tornando autossuficiente.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Ilustração 7 – Alunos em momento de aula prática na preparação da ração para as aves



Fonte: Acervo pessoal da Casa Familiar Rural de Chapadinha - MA (2019)

GRAZIELI – Como ocorre a contratação desses professores que atuam na Casa Familiar Rural?

Professora (AJ)

Em relação aos professores, quem rege é o governo do estado. Então, o governo do estado abriu um seletivo para a educação no campo, onde ele abrangeu as CFRs. Então, todos os professores que trabalham lá são professores selecionados pelo governo do estado.

Foi uma contrapartida do Governo do Estado através da SEDUC, que firmou uma parceria com a ARCAFAR para auxiliar as CFRs do estado.

.....

Destaco ainda que no ensino médio é normal. A grade curricular é igual à da escola regular,

da parte técnica eles têm as disciplinas de Agronomia e Zootecnia, eles têm duzentas horas de estágio para cumprir, e eles ainda tem que desenvolver um projeto e apresentar, como se fosse uma pequena monografia.

Que é o que vai habilitar eles como técnicos em agropecuária. Então, eles têm que passar nas disciplinas comuns de nível médio, mas também eles têm que fazer todas essas etapas para poderem serem habilitados nessa parte técnica.

Esse documento⁷ norteia a parte técnica, com a carga horária do Núcleo Comum que é a grade do Ensino Médio, e a parte técnica com o conteúdo a ser abordado e a carga horária de cada um por ano; primeiro, segundo e terceiro ano. Com todos os conteúdos relacionados à Agronomia e a Zootecnia que são trabalhados na escola durante os anos.

Os itens: T.E. e T.C., significam tempo-escolar e tempo-comunidade. O que que significa isso? Tempo-escola é o conteúdo abordado em sala de aula, teóricas e práticas. E o tempo-comunidade é quando os alunos saem da escola e vão para a casa deles e levam as atividades relacionadas aos assuntos que foram abordadas na CFR, para trabalharem na comunidade, ou algum questionário ou algum trabalho para fazerem na comunidade, fazendo o intercâmbio entre o que eles veem em sala de aula e o que eles podem aplicar onde eles moram.

Dados da pesquisa (2020)

⁷ Projeto Político-Pedagógico da Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA

Ilustração 8 – Distribuição dos Componentes Curriculares do Tempo-Escola e do Tempo-Comunidade no Projeto Político-Pedagógico da Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA

NÚCLEO COMUM – FORMAÇÃO GERAL

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA								
	ANO I		ANO II		ANO III		SUBTOTAL		TOTAL POR DISCIP
	T.E.	T.C.	T.E.	T.C.	T.E.	T.C.	T.E.	T.C.	T.E.+T.C.
Língua Portuguesa e Literatura	120	40	120	40	120	40	360	120	480
Língua Estrangeira Inglês/Espanhol	40	20	40	20	20	20	120	60	180
Artes	30	10	30	10	30	10	90	30	120
Educação Física	30	10	30	10			60	20	80
Geografia	60	20	60	20	60	20	180	60	240
História	60	20	60	20	60	20	180	60	240
Matemática	100	20	100	20	100	20	300	60	360
Física	60	20	60	20	60	20	180	60	240
Química	60	20	60	20	60	20	180	60	240
Biologia	60	20	60	20	60	20	180	60	240
Filosofia	60	20	60	20	60	20	180	60	240
Sociologia	60	20	60	20	60	20	180	60	240
Total geral	740	240	740	240	710	230	2190	710	2900

NÚCLEO PROFISSIONAL

DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA							
	ANO I		ANO II		ANO III		TOTAL	
	T.E.	T.C.	T.E.	T.C.	T.E.	T.C.	T.E.	T.C.
Economia Rural e Solidária					30	10	30	10
Planejamento e Gestão Agrícola					30	10	30	10
Olericultura e Plantas Medicinais	30	10	30	10			60	20
Manejo e Conservação do Solo	30	20					30	20
Introdução à Fitopatologia	30	20					30	20
Irrigação					30	10	30	10
Construções e Instalações Rurais					30	10	30	10
Fruticultura e Culturas Permanentes	30	20	30	20			60	40
Culturas anuais	30	20	30	20			60	40
Bovinicultura de Leite e Corte			30	20	30	20	60	40
Suinicultura	30	20	30	20			60	40
Avicultura	30	20	30	20			60	40
Ovinocaprinocultura			30	20	30	20	60	40
Introdução à Agroindústria			30	20	30	20	60	40
Agroecologia					60	20	60	20
Forragicultura			30	10			30	10
Apicultura e meliponicultura	30	20	30	20			60	40
Silvicultura	30	10					30	10
Extensão Rural					30	10	30	10
Piscicultura			30	20	30	20	60	40
Projeto Profissional do Jovem (TCC)			30	30	50	30	80	60
Estágio Supervisionado					100		100	200
Educação Ambiental	30	10					30	10
Agricultura Familiar	30	10					30	10
Capacitação, Manejo e conservação da água			30	10			30	10
SUBTOTAL	330	180	390	340	380	280	1100	800
TOTAL GERAL	510	730	660	1900				

PARTE DIVERSIFICADA

(Atendimento às especificidades do mundo do trabalho e aos contextos locais)

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA								TOTAL POR DISCIP
	ANO I		ANO II		ANO III		SUBTOT AL		
	TE	TC	TE	TC	TE	TC	TE	TC	T.C+T. E
Informática	40	10	40	10	40	10	120	30	150
Metodologia de Pesquisa			30	10	30	10	60	20	80
Total geral	40	10	70	20	70	20	180	50	230

Hora aula	= 50 Minutos
Carga horária diária	= 11 horas (5 matutino, 4 vespertino e 2 Noturno).
Carga horária semanal	= 66 horas (6 dias, segunda a sábado).
Carga horária anual	= 1.320 horas (10 meses, sendo duas semanas a cada mês).

C. H. TEMPO ESCOLA			
ANO I	ANO II	ANO III	TOTAL
1.150	1.380	1.380	3.910

5.4 Valores de referência da carga horária do tempo comunidade

Consideramos que o jovem da Casa Familiar Rural realiza estudos individuais durante o tempo que permanece na propriedade familiar:

C. H. TEMPO COMUNIDADE			
ANO I	ANO II	ANO III	TOTAL
400	600	630	1630

TOTAL (TE+TC)			
ANO I	ANO II	ANO III	TOTAL
1.550	1980	2.010	5.540

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA (2019)

Ilustração 9 – Alunos em visita à Universidade Federal do Maranhão para aula de apicultura



Fonte: Acervo pessoal da Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA (2019)

MOMENTO 2

GRAZIELI – O que você pode me falar sobre o trabalho de ser professor na Casa Familiar Rural?

Professora (DS)

Eu gosto de trabalhar aqui, os alunos são respeitosos e sempre conversamos sobre diversos assuntos, tanto os que se referem às disciplinas, quanto de outras abordagens.

Eles são alunos que prestam bastante atenção e aproveitam ao máximo as aulas, logo as turmas são pequenas. Temos uma escala de quem fica na Casa com eles para dormir.

No início do ano, nós professores sempre saímos pela Zona Rural, visitando os povoados fazendo busca ativa, convidando as famílias para trazerem seus filhos para a escola e explicamos como funciona o estudo, eles gostam e fazem bastante perguntas.

Esses alunos terminam o Ensino Fundamental e ficam sem estudar em seus povoados. Aqui eles têm a oportunidade de estudar os conteúdos do Ensino Médio e aprender outros

conteúdos técnicos que ajudam os pais na produção da roça. Isso é importante para as famílias.

Dados da pesquisa (2020)

GRAZIELI – Como você se tornou professora na Casa Familiar Rural de Chapadinha?

Professora (AJ)

Eu ainda estava concluindo a graduação, já faz um tempo que eu tive um primeiro contato com a Casa Familiar Rural. Eu desenvolvia o meu projeto de monografia no mesmo povoado onde a escola fica localizada, na Vila União, bem ao lado da escola. E por lá desenvolvendo projeto e fazendo parceria com a escola, eu conheci aquele ambiente e houve a necessidade de um professor na área de Ciências Agrárias. Pela minha familiaridade e por trabalhar ali perto, eles me convidaram para fazer parte do time. Naquela época, eu trabalhei como voluntária por um ano porque a escola forma parcerias para poder contratar professores e naquela época eles não tinham. E o meu primeiro contato foi assim através de laços próximos, eu trabalhando no meu projeto de monografia. Passei um ano contribuindo com eles, adquirindo experiência na área de docência, levando também o que eu estava aprendendo na graduação, fiquei como voluntária, depois de um ano houve uma parceria da ARCAFAR que é a Associação Regional que coordenada todas as Casas Familiares do Maranhão com o Governo do Estado. Com essa parceria, o governo entrou com uma contrapartida de contratar professores para atuarem nas CFRs e foi a partir desse momento que tive o meu primeiro contrato fixo com a escola.

.....
Professora (DS)

Através de seletivo do estado e fizemos o seletivo que é prova de títulos e é através dele com a maior pontuação é que conseguimos a vaga na respectiva disciplina que está se almejando.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

GRAZIELI – O que é ser professor na Casa Familiar Rural de Chapadinha?

Professora (AJ)

Ser professor na CFR é um desafio e um aprendizado muito grande. Você trabalha com jovens que predominantemente moram na zona rural. Então, você atua além como professora, como conselheira, psicóloga, que eu acho que isso já deve ser um pouco comum nas escolas. Mas é muito gratificante, aprender e compartilhar junto com eles, conhecimento tanto na parte técnica na prática, quanto na parte social também.

.....
Professora (DS)

Ser professor na Casa Familiar Rural é tipo uma missão. A cada dia você tem que melhorar ainda mais, você tem que sempre se renovar, buscar sempre algo novo, estar sempre contente para dar ânimo para esses meninos que moram muito longe, em lugares difíceis. Eles têm uma realidade muito precária. E todos os dias a gente está lá, procurando sempre o melhor para oferecer para eles, para que não desistam. Porque esse é o maior foco da gente. É fazer que eles continuem a cada dia sem querer desistir dos estudos.

Para mim foi uma experiência muito inovadora. Uma experiência que eu vou levar para o resto da vida. Porque é uma realidade muito diferente da nossa. Para eles tudo é mais difícil. E pelo convívio que a gente tem com eles, que é um convívio muito mais próximo. Porque a gente passa o dia, dorme na escola. Então, a gente tem o contato muito maior do que o alunado da zona urbana. E a Casa realmente é uma família, cria um vínculo muito forte com cada um deles. A gente tem muita vontade de contribuir para o futuro deles de todas as maneiras.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

GRAZIELI – Como funciona a sua rotina quando você está na Casa Familiar Rural de Chapadinha?

Professora (AJ)

Quando estamos na escola, a rotina é dividida entre aulas teóricas e aulas práticas. Como os alunos possuem disciplinas do núcleo comum e da parte técnica, a gente divide os horários, geralmente matutino para as atividades práticas, vespertino e noturno para as aulas teóricas.

.....

Professora (DS)

Eu trabalho geralmente doze horas por dia. Chego uma hora da tarde, inicio a aula de matemática que é a minha disciplina e ficamos até às cinco. Damos uma parada e eles vão cuidar dos afazeres, vão molhar a horta que é com o professor de Agronomia, dela que tira também o alimento deles. Vão alimentar as galinhas e vão cuidar dos afazeres da casa. Que é limpar a casa, cuidar das roupas e da janta.

Das seis e meia às sete horas eles jantam, e às sete e meia a gente retoma a aula e vamos até às dez. A aula é mais *light*. A aula deles é uma aula diferenciada, a gente fala de todo tipo de assunto, mas sempre procurando entretê-los. Porque eles gostam de tá ali e de estudar e a gente trabalha muito com isso. Mesmo porque a gente tem uma familiaridade muito grande. Então, eles são muito próximos, respeitam muito e respeitamos eles. É um aprendizado muito diferenciado.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Ilustração 10 – Alunos da Casa Familiar Rural desenvolvendo suas atividades práticas na horta

Fonte: Acervo pessoal da Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA (2019)

GRAZIELI – Qual o significado da Casa Familiar Rural para os alunos e suas famílias?

Professora (AJ)

A escola se torna um elo muito importante, porque muitos alunos quando concluem o Ensino Fundamental na zona rural não têm a oportunidade de vir cursar o Ensino Médio na cidade. Com a oportunidade de ir para a CFR, eles, além do Ensino Médio, acabam adquirindo uma profissão, porque saem habilitados como técnicos em Agropecuária. Eles levam para as comunidades o que aprendem na escola, e há uma troca de informações a respeito do que aprendem, da realidade que vivem e de como podem contribuir na comunidade para melhorar, tanto as características sociais quanto as características ambientais, nas formas de cultivo, de manejo e trato com a terra.

Todos os anos, para montar uma turma nova de primeiro ano, são feitas visitas em várias comunidades. Os professores, junto com o coordenador, falam a respeito da metodologia da escola, como que funciona, o tempo de estudo, quais as disciplinas, como que é o regimento, porque é em sistema de alternância. Então é como se fosse um internato, eles passam quinze dias morando na escola e quinze dias retornam para a casa. Então, todos os anos acontece essa mobilização para busca de novos alunos.

.....

Professora (DS)

A Casa Familiar Rural para eles é esperança. A região deles é muito precária, e a realidade é muito difícil. E eles tem a Casa Familiar Rural como um meio de mudar um pouco essa situação. As famílias fazem muito esforço para levar os meninos para a CFR. Pois tem uma ajuda, tem tudo. E para a família é até sacrifício, pois eles moram em distâncias muito longas.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

GRAZIELI – Qual é a receptividade das famílias quando vocês realizam essa visita?

Professora (AJ)

A receptividade é muito boa, porque geralmente nós vamos em comunidades e vamos nos

informando sobre essas famílias que possuem filhos que estão terminando o Ensino Fundamental. Então, todos os lugares que nós vamos, somos bem recebidos.

.....
Professora (DS)

Todos os anos visitamos as comunidades e levamos o nome da Casa Familiar Rural. E fazemos essa busca ativa para trazer esses alunos, e lá falamos como é o regime da casa, o regime de alternância e tentamos convencê-los e mostrar como é bom e o futuro promissor para eles. Pois, quando se formar, além do ensino médio, tem o curso de Agropecuária. Então, é muito bom. E somos bem recebidos. O nome da Casa Familiar Rural é muito forte e por conta disso temos muito orgulho do que fazemos.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

GRAZIELI – Quais as histórias dessas famílias quando vocês estão apresentando a CFR?

Professora (AJ)

Muita história de vida. O interesse dos pais em proporcionar o que eles não tiveram. Muitas pais não têm o Ensino Fundamental completo, alguns sabem só escrever o nome, mas não são totalmente alfabetizados, eles buscam uma melhoria nessa parte de conhecimento para os filhos. Então, eles relatam o que viveram até hoje, as dificuldades que enfrentaram, o que desejam para os filhos e veem a escola como uma esperança, uma forma dos filhos de continuarem estudando sem ter que sair das suas casas. Muitos pais não tem condição de bancar os filhos na cidade, então eles veem essa oportunidade como uma extensão para os filhos terminarem o Ensino Médio que não é fácil na zona rural e ainda ter um curso profissionalizante junto.

.....
Professora (DS)

São vários e vários casos. Algumas famílias aceitam de primeira, outras são os próprios meninos que não querem ir, em outras famílias os filhos já querem ir e os pais também já querem mandar. É uma alegria. Mas na maioria das casas temos uma boa receptividade, e principalmente eles que se animam demais. Porque só de ir para a cidade de estar com os

outros coleguinhas, de ter estudo que em alguns momentos no próprio interior não tem, isso tudo é muito novo, é muito bom. Na verdade, eles sentem que a vida deles pode ser diferente, pode tudo mudar. Mesmo porque tem outros alunos que através da Casa Familiar Rural já entraram na Universidade Federal do Maranhão, no curso de Agronomia, e isso já ecoou nesses interiores mais distantes, dando um impulso muito grande.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

GRAZIELI – Conte-me uma história dessas visitas que marcou sua docência?

Professora (AJ)

Muitos falam a respeito da forma como foram criados, que não tinham condições para praticamente nada. Se precisassem comprar uma roupa, um café, um açúcar, naquela época a base de troca era o coco babaçu. Eles tinham que quebrar o coco babaçu e trocava o quilo por uma outra coisa que fosse essencial para eles. Por exemplo, tantos quilos de coco em troca de um café ou um pano para fazer uma roupa. Então, foram uma das coisas que a gente viu em relação as dificuldades que eles enfrentaram e que passaram muita fome também e que não desejam isso para os filhos. Por isso, que por mais que tenham uma vida tão sofrida, eles sabem que a educação é a forma mais certa dos filhos deles não passarem aquilo que eles passaram.

.....

Professora (DS)

Todas têm uma história. Teve uma vez que fomos em um povoado muito distante, visitamos uma casa que tinha uma mãe solteira que tinha quatro filhos. Ela queria que o filho mais velho estudasse, mas ele não queria ir. Ela fez várias tentativas e ele recusou. O filho mais novo falou ‘Pois eu quero mãe. Me mande’. E trouxemos o outro menino, o mais novo. Ele se adaptou muito bem. Porque na Casa Familiar Rural, além de estudarem, levamos eles para fazerem cursos no SEBRAE. E levamos eles em vários locais. E quando esse filho voltou para casa e contou todas as histórias e aprendizagens, o irmão que havia se recusado queria ir também. No final da história, todos os filhos dessa mãe passaram pela Casa Familiar Rural.

Tem também um rapaz que tentou muito estudar na cidade, mas, porque era muito distante e

pela falta de dinheiro, era muito complicado vir para Chapadinha estudar. E tinha a farinha, tinha a plantação na roça e não podia vir. Ela já estava com trinta e dois anos. E com isso houve a oportunidade na Casa Familiar Rural, com o programa de alternância. Ele entrou de cabeça, conseguiu sua formação e ficou muito feliz.

Tem um rapaz muito inteligente que estudava em uma escola em Chapadinha, e quando ele soube da Casa Familiar Rural não pensou duas vezes e foi por conta do curso de técnico em Agropecuária. Foi um dos melhores alunos que tivemos na Casa Familiar Rural.

A realidade deles é muito bonita. Trabalhar na Casa Familiar Rural é algo que transforma e vivenciamos muita coisa que em alguns momentos não acreditamos que aquilo acontece com eles. Chegam sem saber sobre tecnologia, e aprendem lá na própria CFR. Não ensinamos só educação, ensinamos para a vida, tecnologia, ensinamos a conviver. Até questão de banheiro que eles não têm no interior. Tudo é novidade. Tudo é novo. Para quem é professor é algo surreal. Porque tem que ensinar tudo. O melhor de tudo é que eles têm muito respeito e vontade de aprender. São diferentes do alunado da sede de Chapadinha. Possuem dificuldades devido à base deles. Quanto mais você explica, ensinando com calma, quando se espanta, já estão bem evoluídos. São muito inteligentes. Graças a Deus os que acolhemos, o número de evasão é baixo.

Tenho um carinho muito grande por aquela escola. Tudo que eu posso fazer por eles eu faço. Preparo arraial, Natal e preparo para eles, com a ajuda do coordenador. Eles merecem demais.

Também tem um outro lado, como minha formação é urbana e não tinha contato com a zona rural, para mim é outra realidade, uma coisa nova. Eu aprendi tanto. Me ensinaram sobre plantar, cultivar, farinha, frutas nativas. Tudo o que você pensar, eu aprendi. É uma troca. Não é que você está na CFR só para ensinar, você sai outra pessoa. Questão de humanidade e de empatia.

Lá você é mãe, enfermeira, médica, professora, analista, você é tudo. Tem que ser tudo. Estar preparada para tudo.

Ser professor é muito difícil, mas é gratificante.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Ilustração 11 – Alunos em uma Palestra com um professor convidado da Universidade Federal do Maranhão



Fonte: Acervo pessoal da Casa Familiar Rural de Chapadinha-MA (2019)

No material gerado nas entrevistas e no Projeto Político-Pedagógico (PPP), destaco os princípios encontrados no meu estudo e que balizam uma docência alternada, voltada para um tempo-escola e um tempo-comunidade: a) Aquisição de conhecimento e aplicação desses na propriedade familiar b) O planejamento da Educação contextualizada e contextualizante, como resposta às demandas das comunidades e c) Permanência do/a jovem no campo.

No próximo capítulo, proponho-me a pensar os marcadores para uma docência alternada e procuro estabelecer interlocuções com os princípios destacados a partir do material examinado no meu estudo.

4 COLHENDO A PRODUÇÃO E PREPARANDO NOVOS PLANTIOS

Neste capítulo, retomo a discussão acerca de uma docência alternada. Correr os riscos de pensar nos começos. Pensar em como o tempo-escola e o tempo-comunidade constituíram uma docência de professoras na Casa Rural Familiar de Chapadinha - MA. Desse modo, ao longo do texto, busquei conhecer, explicar e problematizar como as práticas de formação em alternância constituíram uma docência marcada e situada pelo tempo-escola e tempo-comunidade nessa instituição. E as reflexões que as professoras narram, sobre o planejamento, de que forma a educação se torna contextualizada e contextualizante como resposta às demandas das comunidades e como as famílias são beneficiadas com a permanência do/a jovem no campo.

Dos achados da pesquisa, registrado nas entrevistas narrativas e nos documentos estudados, destaquei algumas recorrências que me fizeram pensar acerca da docência alternada; como tratado no capítulo anterior, os desafios que constituem a docência dos professores da Casa Rural de Chapadinha – MA.

A primeira delas se refere à formação e experiências das professoras na elaboração de suas atividades na docência. Assim, compreender que a nossa experiência é essencial para pensar e elaborar o tempo-escola e tempo-comunidade, que é capaz de criar pressupostos teóricos e metodológicos que possibilitem um trabalho de excelência demonstra a capacidade de sistematizar os nossos modos de ser professor em qualquer espaço. A experiência se torna encantadora a partir do momento que somos capazes de entender a dinamicidade de todo o processo, quando nos atravessa e constitui quem nós somos.

É nesse percurso onde o mundo em que o professor está inserido e a realidade dos estudantes podem servir de referência na elaboração de uma docência que está lá e ao mesmo tempo se faz aqui. No caso da Casa Familiar Rural, as questões que perpassam a docência estão imbricadas no como fazer. Não se trata de explicar o conteúdo como aplicação, mas sim como uma ferramenta para resolver problemas da vida real trazidos pelos estudantes das comunidades onde residem.

Arroyo, Caldart e Molina (2011, p. 105) enfatizam:

O tempo-escola, onde os educandos têm aulas teóricas e práticas, participam de inúmeros aprendizados, se auto-organizam para realizar tarefas que garantam o funcionamento da escola, avaliam o processo e participam do planejamento das atividades, vivenciam e aprofundam valores; o tempo-comunidade, que é o momento onde os educandos realizam atividades de pesquisa da sua realidade, de registro desta experiência, de práticas que permitem a troca de conhecimento nos vários aspectos. Este tempo precisa ser assumido e acompanhado pela comunidade [...].

Segundo Bueno (2007, p. 341), experiência significa “prática da vida; usos; ensaio e tentativa”. Essas palavras nos remetem aos pensamentos, que se relacionam com a realidade e separar experiência de informação. Desse modo, entendo que a experiência, no sentido apontado por Bueno, está relacionada na interlocução do conhecimento e aplicação desses nas propriedades dos familiares dos estudantes.

Pensar nessa relação da experiência é pensar que “O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, ‘desarmada’, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito” (FREIRE, p. 1996, p. 38). Experiências descritas pelas professoras entrevistadas, nas quais ambas mencionam a esperança, em que Freire enfatiza que “a esperança faz parte da natureza humana” (FREIRE, p. 1996, p. 72), trazem consigo contextualizações diferentes.

A segunda trata da formação docente na relação com o tempo-escola e o tempo-comunidade. Nesse sentido, a legislação enfatiza e condiciona as exigências da formação que envolvem a docência.

Aprender a ser professor, nesse contexto, não é, portanto, tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdo e de técnicas para a transmissão deles. É uma aprendizagem que deve se dar por meio de situações práticas que sejam efetivamente problemáticas, o que exige o desenvolvimento de uma prática reflexiva competente. Exige ainda que, para além de conceitos e de procedimentos, sejam trabalhadas atitudes, sendo estas consideradas tão importantes quanto aqueles. (MACIEL; NETO, 2004, p. 18-19).

Convém destacar o quanto se exige do professor, sobretudo, no que se refere ao domínio de conteúdo. Além disso, precisa corresponder as inúmeras expectativas criadas que envolvem compromisso, ludicidade, qualidade, valores, habilidades, responsabilidade, criatividade, pontualidade, agilidade, humildade, humanidade, entre outros. “Nosso interesse principal [...] deve estar em APRENDER, e não somente em ensinar”. (BAZARRA; CASANOVA; UGARTE, 2006, p. 17, grifo do autor). O professor é capaz de construir conhecimento na sua formação, prolongando e ganhando continuidade ao longo de seu percurso. Esse processo constante de aprendizagem do professor reside não só na formação inicial e continuada na academia, mas também em suas experiências dentro e fora da sala de aula.

Estudar e aprender se reflete em um estilo de vida. A comunicação e o compartilhamento de ideias buscam transformar e descobrir uma forma individual de aprendizagem e, conseqüentemente, de ensino. Os professores são sujeitos que convivem

diariamente com desafios, e sua ação ou acomodação perante a esses obstáculos refletem suas escolhas.

A prática da docência não se limita a ações prescritivas. A docência não se limita a transmissão de conteúdos e avaliação. Implica em estudar, conhecer, refletir, analisar, investigar e avaliar. Na docência se formula a realização da pessoa, naquilo que lhe é mais profundo: a humanidade. (CAMPOS, 2010, p. 112).

O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, a função do ensino, a participação e a reflexão permitem aos professores construir seus valores. Desse modo, basta conceder-lhes oportunidades, situações problemáticas e convívio para que criem suas estratégias, relações e planejamento para consolidar uma prática reflexiva, realizando as transformações necessárias para reestruturar e efetivar o conhecimento. Enfatiza-se, ainda, que cada um possui um modo particular de aprender e ensinar, e que o respeito à diversidade é imprescindível.

Em uma sociedade democrática é fundamental formar o professor na mudança e para a mudança por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, a abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, já que a profissão docente precisa partilhar o conhecimento com o contexto. (IMBERNÓN, 2010, p. 19).

As mudanças são aceleradas. Entretanto, como profissional da educação, percebe-se que é possível fazer a diferença na vida dos alunos. Uma vez que se constrói coletivamente conhecimento todos os dias ao assumir uma postura permanente de busca pelo conhecimento, seja por meio da formação continuada ou nas conversas inter e intrapessoais presentes em todos os momentos. Alves (1996, p. 95-96, grifo do autor) reafirma essa ideia quando aponta:

A formação do professor é preferencialmente vista como algo prático. O conceito de 'prática social' tende a ser reduzido ao conceito de 'problemas concretos', e os últimos orientam a formação do educador. Com isso, a formação teórica do educador corre sérios riscos. É importante salientar que muitos de nós colaboramos com esta visão, quando simplesmente propomos uma inversão de ênfase no currículo de formação do professor, defendendo o predomínio da 'prática'. Em nossa opinião, não se trata de inverter o estado atual – mais teoria, pouca prática – para outro que se caracterize por muita prática e pouca prática.

O êxito da aprendizagem necessita de flexibilidade, de funções que pertencem ao trabalho docente, de sua qualificação e da sua identidade profissional. A constante preocupação com os aspectos educativos faz referência à consciência do professor em realizar um ensino significativo. Designa-se o processo de construção do conhecimento como um compromisso moral e ético de quem realiza e para quem se realiza. A liberdade humana inspira a transformação e, por meio da inquietação, fica estabelecida no convívio. Assim, o sujeito estabelece suas aspirações educativas.

A prática pedagógica dos professores é lapidada durante toda a vida, no exercício de sua prática que se constrói e se reconstrói diariamente, estruturando e reestruturando a complexidade própria do ato de educar. Logo, a relação professor e aluno não se resume ao ensino, mas envolve também a condição apaixonante da profissão. Nesse sentido, penso nos percursos dos professores que atuam na CFR de Chapadinha. Seus movimentos na busca ativa, na escuta dos estudantes, na feitura de interações que envolvem realidades vivenciadas nas suas comunidades. Conforme discutido em outra parte desta dissertação, exige sentimentos, experiências e cuidados com os participantes. Parte da forma com que habitualmente se realizam as atividades espontâneas da vida diária, distinguindo entre ‘conhecimento na ação’ e ‘reflexão na ação’. [...]”. (CONTRERAS, 2002, p. 106).

A terceira refere-se à indissociabilidade entre teoria e prática, constituindo a base para uma docência implicada. Isso ocorre quando, o que é ensinado na sala de aula, é significativo, vivenciado e experimentado pelo aluno e pelo professor, no caso desse estudo, no tempo-escola e no templo-comunidade, instituindo, desse modo uma docência alternada. Na relação de uma das professoras, ela menciona a conversa com os estudantes. Nesse sentido, entendo que as perguntas dos estudantes envolvem questões das suas realidades e, ao mesmo tempo, o professor não deve subestimar essa “necessidade de saber” dos seus alunos. “Para os professores, por exemplo, nem sempre é fácil teorizar a sua prática e formalizar seus saberes, que eles vêem como sendo pessoais, tácitos e íntimos.” (TARDIF, 1999, p. 32).

A epistemologia da prática e o reconhecimento dela são de extrema importância, uma vez que cada professor diferencia-se em sua prática. O senso crítico deve ser configurado e tratado como um suporte adequado, para que sejam tomadas decisões importantes, construir problematizações, fazer experimentações de ensino intencional e, assim, no seu fazer, o professor não fique à mercê das mudanças. Segundo Gauthier et al. (1998, p. 334), na transversalidade “o saber se opõe à dúvida, ao erro e à imaginação se diferencia igualmente dos outros tipos de certeza que são, por exemplo, a fé, ou as ideias preconcebidas”.

A docência alternada, nesse sentido, precisa ser olhada, questionada, diferenciada, pensada e, principalmente, planejada. Um dos documentos consultados no meu estudo foi o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da CFR. Nele, encontrei referências importantes para as ações de ensino e docência dos professores nos dois tempos escolares da CFR. Compartilhando desse entendimento, Franco e Pimenta (2010, p. 17) enfatizam:

O ensino é uma prática social complexa. Realizado por seres humanos entre seres humanos, o ensino é transformado pela ação e relação entre os sujeitos (professores e estudantes) situados em contextos diversos: institucionais, culturais, espaciais,

temporais, sociais. Por sua vez, dialeticamente transforma os sujeitos envolvidos nesse processo.

A mobilização da experiência desafia a formação do professor, com isso, entendo que a docência alternada desafia os professores da CRF para que as informações se transformem em conhecimento e cheguem aos estudantes e na comunidade da roça. “Nas práticas docentes estão contidos elementos extremamente importantes, [...] as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas (...) que ainda não estão configuradas teoricamente. [...]”. (PIMENTA *et al.*, 2008, p. 59). Tudo isso tem um retorno legítimo para o professor, no qual o saber planejar o ensino e a aprendizagem, alternando e compondo saberes, deve estar presente nas escolas.

O professor é o profissional capaz de transformar-se rapidamente, de definir e redefinir sua postura diariamente. Logo, suas iniciativas possibilitarão uma ressignificação dos seus próprios saberes para sua formação. A aquisição de experiência é considerada, então, como ato de superação, desafiando-o para que seja possa reinventar-se, ou até mesmo, viver de transições em uma busca permanente por transformação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda (org.) *Formação de professores: pensar e fazer*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; MOLINA, Mônica Castagna; CALDART, Roseli Salette. *Por uma educação do campo*. 5 ed. Petropolis: Editora Vozes Ltda, 2011.
- BAZARRA, Lourdes; CASANOVA, Olga; UGARTE, Jerónimo García. *Ser professor e dirigir professores: em tempos de mudança*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BERNARDI, Luci T. M. dos Santos; PELINSON, Nadia Cristina Picinini; SANTIN, Rosemeri. O desafio de ser professor na escola do campo: o contexto da Casa Familiar Rural Santo Agostinho. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.120-142, jul./dez.2014.
- BRANDÃO, Denise Freitas; PARDO, Maria Benedita Lima. O interesse de estudantes de pedagogia pela docência. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 313-329, abr./jun. 2016.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BUENO. Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.
- CAMPOS, Casemiro de Medeiros. *Gestão escolar e docência*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Os ideais da formação humanista e o sentido da experiência escolar. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1023-1034, out./dez. 2017.
- CASA FAMILIAR RURAL. *Projeto Político Pedagógico da Casa Familiar Rural*. Chapadinha: 2019.
- CHAVES, Kênia Matos da Silva; FOSCHIERA, Atamis Antonio. Práticas de educação do campo no Brasil: Escola Família Agrícola, Casa Familiar Rural e Escola Itinerante. *Revista Pegada*. vol. 15, n. 2, dezembro. 2014.
- CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- DINIZ, Margareth; JARDILINO, José Rubens Lima. Gênero e Docência: Olhares sobre a formação de professoras rurais no Brasil e na Colômbia. *Rev. hist.educ.latinoam* - Vol. 17 No. 24, enero - junio 2015 - ISSN 0122-7238 – pp. 167 – 190.

- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas "estado da arte"*. *Educ. Soc.* [online]. 2002, vol.23, n.79, pp.257-272.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido. *Didática: Embates contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- FREIRE, Madalena. *Educador*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 27. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17. ed. 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 28. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAUTHIER, C. et al. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Tradução: Francisco Pereira. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1998. (Coleção Fronteiras da Educação).
- GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GONSALVES, E. P. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Alínea, 2001.
- GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.
- IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Atlas do Maranhão*. Rio de Janeiro, Governo do Estado do Maranhão. 1984. p.104.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estados*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/>>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- LOBATO, Anderson Cezar; QUADROS, Ana Luiza de. Como se constitui o discurso de professores iniciantes em sala de aula. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, e162258, 2018.
- MACIEL, Lizete Shizue Bomura; NETO, Alexandre Shigunov. *Formação de professores:*
- MARANHÃO. *Diário Oficial: Poder Executivo*. Plano Estadual de Educação do Estado do Maranhão P. E. E. – MA. Ano CVIII, Nº 111, São Luís, Quarta-feira, 11 de junho de 2014, esta edição contém: 30 páginas.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

NASCIMENTO, Ivany Pinto; RODRIGUES, Sônia Eli Cabral. Representações sociais sobre a permanência na docência: o que dizem docentes do ensino fundamental? *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, e166148, 2018.

passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2004.

PLEIN, Ivonete Terezinha Tremea. *Não é escola, é casa!? A Pedagogia da Alternância nas Casas Familiares Rurais do Sudoeste do Paraná*. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2013. Dissertação.

QGIS.org, 2021. QGIS Geographic Information System. QGIS Association. Disponível em: <<http://www.qgis.org>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

RODRIGUES, João Assis. *Práticas discursivas de reprodução e diferenciação na Pedagogia da Alternância*. 2008. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2008.

SCREMIN, Greice; ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Pedagogias universitárias: as influências das diferentes áreas do conhecimento na atuação docente. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, e177719, 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED. *Relatório de ações e metas no exercício de 2005-2008*. Chapadinha: SEMED, 2008.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED. *Relatório de ações e metas no exercício de 2009-2012*. Chapadinha: SEMED, 2012.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Felipe Alexandre da. *Educação na Casa Familiar Rural de Capanema/PR: práticas educativas de educação rural ou educação do campo?* Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2015. Dissertação.

SOUZA, Denise Trento Rebello de; ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. Formação de professores e saberes docentes: trajetória e preocupações de uma pesquisadora da docência – uma entrevista com Ruth Mercado. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 247-267, jan./mar. 2014.

TARDIF, M. *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários*. Rio de Janeiro: PUC, 1999.